

VINICIUS TORRES FREIRE

Ruim, sim, mas sem desastre

O DIABO de setembro não chegou a ser tão feio como se podia julgar pelo clima de histeria importada observado nas declarações sobre a "seca total" de crédito externo para o país e o estrangulamento dos empréstimos para o comércio exterior. O Banco Central divulgou ontem o movimento de câmbio até o dia 26 de setembro (contração de compra e venda de moeda estrangeira para exportação e importação de bens e serviços, além de saídas e entradas de capitais). E o Ministério do Desenvolvimento diz não ter recebido nenhuma ligação de empresa industrial à procura de ajuda ou a sugerir medidas de emergência para a exportação.

O saldo cambial preliminar do mês passado foi positivo em US\$ 2,749 bilhões, devido aos excedentes do comércio exterior. No movimento financeiro, o saldo foi negati-

vo em US\$ 3,5 bilhões. Ruim? O saldo financeiro havia sido positivo apenas em fevereiro e em março. Os piores resultados, em janeiro, junho e julho, ficaram entre US\$ 5 bilhões e US\$ 6,5 bilhões no vermelho.

O movimento de adiantamentos sobre contratos de câmbio (ACC) de fato não foi nada risonho (por meio de ACCs, o exportador obtém financiamentos usando como garantia a contratação de câmbio e a receita de suas vendas futuras para o exterior). No balanço parcial de setembro, o volume de ACCs foi curiosamente o maior do ano. Mas, na terceira e na quarta semanas de setembro, de pânico mundial, o movimento caiu,

Primeiros dados mostram que crise afetou o crédito de exportação, mas problemas ainda são bem localizados

respectivamente, 36% e 50% em relação ao do início de setembro. Ainda assim, se o movimento desses dias de crise fosse extrapolado para um mês, o movimento de ACCs seria semelhante ao do verificado em janeiro e em fevereiro deste ano.

Como o desastre americano ainda pode contaminar ainda mais o cenário mundial e brasileiro, não são números para deixar ninguém em paz.

Mas, por ora, é preciso um pé atrás diante das manifestações de pânico. Primeiro, muita grande empresa não toma crédito para exportar. Segundo, muita empresa tomava crédito para aproveitar a diferença entre os juros no exterior e os do Brasil. "É preciso ver quem precisava mesmo de ACCs para financiar a produção para exportar e quem tomava crédito com o objetivo de ganhos financeiros, mesmo que fosse apenas para compensar a valorização do real", observa o economista-chefe da Funcex (Fundação Centro de Estudos para o Comércio Exterior), Fernando Ribeiro. Ele não acredita que, no curto prazo, os problemas de

crédito por si só não devem afetar o volume de exportações brasileiras. No Ministério do Desenvolvimento a avaliação é parecida.

Quem procurou o governo, em busca de auxílio depois do estouro mais recente da crise americana? Alguns agricultores, empresas que perderam dinheiro com especulação imperita no mercado de câmbio, bancos menores. Empresas exportadoras menores têm feito queixas para grandes bancos públicos e privados, que levam a avaliação para o governo. De resto, algumas poucas aparecem nos meios de comunicação, relatando suas agruras, algumas sérias, mas por ora localizadas.

Sim, a situação é feia e pode piorar. Mas, na avaliação mais geral de mercado e governo, o problema principal está nos bancos menores.

vinit@uol.com.br